



**ENSINO DE ALERGIA E IMUNOLOGIA CLÍNICA EM DOIS CURSOS DE  
GRADUAÇÃO EM MEDICINA DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS  
EM MACEIÓ/AL**

*Iramirton Figuerêdo Moreira*  
HUPAA/EBSEERH/FAMED/UFAL  
*iramirton@hotmail.com*

*Andressa Carolina de Oliveira Mundim*  
FAMED/UFAL  
*andressa.comundim@gmail.com*

*Kathiane Pereira de Jesus*  
FAMED/UFAL  
*kathianepereira12@gmail.com*

**Tipo de Apresentação:** Pôster

**Resumo:**

**Introdução:** Alergia é definida como um transtorno de hipersensibilidade do sistema imune, que ocorre quando uma pessoa reage anormalmente contra uma substância considerada inofensiva. **Objetivo:** Verificar o ensino de alergia e imunologia clínica em dois cursos de graduação em medicina de universidades públicas em Maceió/AL. **Métodos:** Estudo transversal observacional descritivo, realizado nas instalações da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), no período de março a dezembro de 2016. A coleta de dados foi realizada através da aplicação de questionário, composto de questões objetivas e discursivas, sobre alergia, anafilaxia, em qual disciplina o tema foi abordado e se na instituição havia disciplina de alergia e imunologia. **Resultados:** Participaram do estudo 260 estudantes de medicina. Destes, 28,8 % souberam definir alergia, embora 85% tenham afirmado que conheciam a definição. Em

87



relação a anafilaxia apenas 1,5% conheciam o conceito. 51,9% afirmaram que não havia aprendido sobre o tema ou não responderam. Quanto à existência de disciplina de Alergia e Imunologia clínica 48,5% afirmaram não existir. **Conclusões:** É necessário a implementação e gerenciamento de estratégias educacionais nas escolas médicas para melhorar a condução das doenças alérgicas, implantando a disciplina de alergia e imunologia clínica.

**Palavras-chave:** Alergia; Imunologia Clínica; Ensino; Doenças alérgicas.

## 1. Introdução

O termo "alergia" vem do grego "Allos", que significa alteração do estado original. Foi usado pela primeira vez por Von Pirquet, para designar situações em que a resposta imunológica do organismo era diferente da resposta protetora habitual, produzindo efeitos indesejáveis (SOUZA, 1994). A alergia é definida como um transtorno de hipersensibilidade do sistema imune, que ocorre quando uma pessoa reage anormalmente contra uma substância considerada inofensiva (HOCAGIL, 2013).

A prevalência das doenças alérgicas está crescendo mundialmente, em especial entre os jovens, devido a maior exposição ambiental a alérgenos e poluentes (BESEN; RIBEIRO, 2017). As doenças alérgicas afetam atualmente mais de 20% da população brasileira, sendo causa importante de doenças crônicas no mundo (KALINER et al., 2008). Estudos têm demonstrado que o tratamento instituído muitas vezes não é o recomendado pela medicina baseada em evidências (FONSECA et al., 2009). Dentre as doenças alérgicas destaca-se a anafilaxia, uma reação de hipersensibilidade sistêmica, severa e que pode ameaçar a vida (BESEN; RIBEIRO, 2017). Esta, muitas vezes pode ser confundida com uma reação alérgica simples, por isso, o conhecimento sobre alergia deve estar bem consolidado para prestar os cuidados adequados ao paciente (COELHO et al., 2010). Com base no exposto, este estudo buscou verificar o ensino de alergia e imunologia clínica em dois cursos de graduação em medicina de universidades públicas em Maceió/AL.

## 2. Referencial Teórico

Os processos alérgicos e imunológicos se sobrepõem a todos os sistemas orgânicos, porém nem sempre a alergia é ensinada nas escolas de medicina em uma disciplina específica.



A falta de reconhecimento da especialidade e da necessidade de ensinar as doenças alérgicas e imunológicas, resulta muitas vezes de não ser incluída nos currículos de medicina (KALINER et al., 2008). Sanghvi, Crutis e Bansal. (2013) destaca em seu estudo, que os motivos de cuidados inadequados com alergias no Serviço Nacional de Saúde foram atribuídos à falta de especialistas em alergia e à má qualidade do ensino de graduação, levando a uma escassez de conhecimentos sobre doenças alérgicas.

A incidência de alergia é crescente e a prevalência tem aumentado em todo o mundo (BESEN; RIBEIRO, 2017). Com a estimativa de que 22% da população global tem doenças alérgicas e imunológicas e estimando-se que existam entre 50-2000 episódios de anafilaxia para cada 100.000 pessoas por ano, está na hora de reconhecer e fortalecer a educação em alergia e imunologia (GASPAR, 2014; KALINER et al., 2008). Dentre as doenças alérgicas, a anafilaxia é a forma mais grave de manifestação alérgica e constitui verdadeira emergência médica. (BESEN; RIBEIRO, 2017). A maioria dos médicos não especialistas desconhece esta condição, o que dificulta o diagnóstico e o manejo. A falta de informação ou formação dos médicos para orientar os pacientes, contribui para aumentar a chance de novas ocorrências, expondo estes a riscos muitas vezes preveníveis.

### **3. Metodologia**

Estudo transversal observacional descritivo, realizado nas instalações da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), no período de março a dezembro de 2016. Participaram do estudo estudantes de Graduação em Medicina, do primeiro ao sexto ano, matriculados e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta de dados foi realizada através da aplicação de questionário, composto de questões objetivas e discursivas, sobre alergia, anafilaxia e disciplina em que o tema foi abordado e presença da disciplina de Alergia e Imunologia na instituição. O banco de dados foi elaborado com o auxílio do programa Excel 2016 do Windows Microsoft e os testes estatísticos foram realizados através do IBM SPSS 22 utilizando o intervalo de confiança de 95% ( $p < 0,05$ ). O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Alagoas, protocolo de número 5255215.0.00005013.



#### 4. Resultados e Discussões

Participaram do estudo duzentos e sessenta estudantes de Medicina das duas Universidades Públicas de Maceió/AL, sendo, 68,1% alunos da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 31,9% alunos da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Destes, 46,5% eram do sexo masculino e 53,5% eram do sexo feminino. A idade dos participantes variou de 17 a 43 anos.

Em relação ao significado de alergia, apenas 28,8 % dos participantes responderam conhecer o significado e conseguiram definir o conceito, embora 85% tenham afirmado que conheciam a definição. Corroborando com o estudo de Sanghvi, Curtis e Bansal. (2013), que comparou o nível de conhecimento acerca de alergia e de doença cardíaca congênita entre os estudantes de medicina do Reino Unido. Este demonstrou uma diferença significativa entre os escores médios da alergia e da doença cardíaca congênita, concluindo que há uma escassez de conhecimentos entre os estudantes de medicina em relação às doenças alérgicas.

Dentre as doenças alérgicas, quando questionados sobre anafilaxia, 51,9% dos estudantes afirmaram saber o que significava, destes 1,5% conceituaram corretamente. Estudos que também avaliaram o conhecimento e manejo de anafilaxia por estudantes de Medicina, como o de Plumb et al. (2013) e Drupad e Nagabushan (2015) encontraram resultados similares. Assim como neste estudo, os autores concluíram que os alunos foram incapazes de distinguir com precisão anafilaxia de outras situações clínicas, como choque ou reação alérgica simples. A dificuldade em diferenciar a anafilaxia de uma reação alérgica explica a diferença entre as definições corretas obtidas nos resultados entre anafilaxia (1,5%) e alergia (28,8%). Contudo, os níveis de conhecimento de ambas condições ainda se encontram baixos (PLUMB et al., 2013).

Quanto à existência de disciplina (ou estágio) em alergia e imunologia clínica, 48,5% da amostra respondeu que não havia a disciplina, 46,9 % afirmou existir e os outros 4,6% não respondeu. Embora quase metade dos estudantes tenham respondido haver a disciplina na faculdade, quando analisado o projeto pedagógico dos dois cursos e a grade curricular das escolas médicas pesquisadas, não havia referência a tal disciplina. Provavelmente, este equívoco, por parte dos alunos, tenha ocorrido pelo fato dos alunos confundirem a disciplina





de Imunologia básica, que foca apenas nas células envolvidas nos processos alérgicos, com a disciplina de Alergia e Imunologia clínica.

No que concerne a quais disciplinas haviam adquirido conhecimento sobre doenças alérgicas, 51,9% dos estudantes não responderam ou relataram que não havia aprendido, 8,5% relataram Pediatria/Saúde da Criança/Emergências pediátricas, 23,8% relataram Imunologia e outros 6,1% referiram outras disciplinas como Farmacologia, Dermatologia, Anatomia e Urgência e Emergências. Na literatura não foram encontrados registros dessa natureza. Esse dado mostra que o ensino das doenças alérgicas é fragmentado ao longo do curso em várias disciplinas ou não está sendo abordado em nenhuma disciplina específica nas duas universidades estudadas. Ademais, não havia descrição desta disciplina no projeto pedagógico dos referidos cursos.

## 5. Considerações finais

Este estudo demonstrou que o ensino de alergia e doenças alérgicas nas universidades públicas de Medicina em Maceió ainda é limitado. Neste sentido, faz necessário a implementação e gerenciamento de estratégias educacionais nas escolas médicas para melhorar a condução dos quadros alérgicos, através da introdução da disciplina de alergia e imunologia clínica.

## Referências

1. BESEN, Débora Cristina; RIBEIRO, André Motta. ANAFILAXIA. **Arq. Catarin Med**, Florianópolis, v. 46, n. 1, p.154-163, jan. 2017.
2. COELHO, Magna A. Q. et al. Reações anafiláticas em serviço de urgência: tratamento farmacológico em 61 pacientes. **Rev. Bras. Alerg. Imunopatol.**, São Paulo, v. 33, n. 5, p.199-202, maio 2010.
3. DRUPAD, H. S.; NAGABUSHAN, H. Level of knowledge about anaphylaxis and its management among health care providers. **Indian journal of critical care**



**medicine: peer-reviewed, official publication of Indian Society of Critical Care Medicine**, v. 19, n. 7, p. 412, 2015.

4. FONSECA, Claudia S. B.M. et al. Anafilaxia: conhecimento médico sobre o manejo em anafilaxia. Estudo em urgentistas na cidade de Petrópolis - RJ. **Rev. Bras. Alerg. Imunopatol.**, São Paulo, v. 32, n. 1, p.9-12, jan. 2009.
5. GASPAR, A. Registro anual de anafilaxia em idade pediátrica num centro de imunoalergologia. **Rev Port Imunoalergologia**, Porto, v. 22, n. 1, p.43-54, 2014.
6. HOCAGIL, Hilal et al. Underdiagnosis of anaphylaxis in the emergency department: misdiagnosed or miscoded? **Hong Kong Med J**, Hong Kong, v. 5, n. 19, p.429-433, out. 2013.
7. KALINER, Michael A. et al. Requisitos para treinamento médico em alergia: competências clínicas essenciais para o tratamento de pacientes com doenças alérgicas ou imunológicas: declaração da posição provisória da World Allergy Organization (WAO). **Rev. bras. alergia imunopatol**, v. 31, n. 1, p. 35-39, 2008.
8. PLUMB, Benjamin et al. Correct recognition and management of anaphylaxis: not much change over a decade. **Postgrad Med J**, Bristol, p.3-7, 08 jan. 2015.
9. SANGHVI, Mihir M.; CURTIS, Michel R.C.; BANSAL, R.A. Allergy Teaching in UK Medical Schools. **Journal Of Asthma & Allergy Educators**, London, v. 4, n. 6, p.266-269, 9 jul. 2013.
10. SOUZA, L. S. F. Mecanismos básicos da resposta alérgica. In: NASPTIZ, C.K. **Coord. Manual de Alergia e Imunologia II - SBP**. Rio de Janeiro. 1994; p. 321-40.